O acróstico do túmulo de Kheruef

Autor(es): Carreira, Paulo
Publicado por: Centro de História da Universidade de Lisboa
URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/32976>
DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0871-9527_22_4
Accessed : 26-Apr-2023 15:52:15

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

22

𐀀𐀁𐀂𐀃𐀄𐀅𐀆𐀇𐀈𐀉𐀊𐀋𐀌𐀍𐀎𐀏𐀐𐀑𐀒𐀓𐀔𐀕𐀖𐀗𐀘𐀙𐀚𐀛𐀜𐀝𐀞𐀟𐀠𐀡𐀢𐀣𐀤𐀥𐀦𐀧𐀨𐀩𐀪𐀫𐀬𐀭𐀮𐀯𐀰𐀱𐀲𐀳𐀴𐀵𐀶𐀷𐀸𐀹𐀺𐀻𐀼𐀽𐀾𐀿𐁀𐁁𐁂𐁃𐁄𐁅𐁆𐁇𐁈𐁉𐁊𐁋𐁌𐁍𐁎𐁏𐁐𐁑𐁒𐁓𐁔𐁕𐁖𐁗𐁘𐁙𐁚𐁛𐁜𐁝𐁞𐁟𐁠𐁡𐁢𐁣𐁤𐁥𐁦𐁧𐁨𐁩𐁪𐁫𐁬𐁭𐁮𐁯𐁰𐁱𐁲𐁳𐁴𐁵𐁶𐁷𐁸𐁹𐁺𐁻𐁼𐁽𐁾𐁿𐂀𐂁𐂂𐂃𐂄𐂅𐂆𐂇𐂈𐂉𐂊𐂋𐂌𐂍𐂎𐂏𐂐𐂑𐂒𐂓𐂔𐂕𐂖𐂗𐂘𐂙𐂚𐂛𐂜𐂝𐂞𐂟𐂠𐂡𐂢𐂣𐂤𐂥𐂦𐂧𐂨𐂩𐂪𐂫𐂬𐂭𐂮𐂯𐂰𐂱𐂲𐂳𐂴𐂵𐂶𐂷𐂸𐂹𐂺𐂻𐂼𐂽𐂾𐂿𐃀𐃁𐃂𐃃𐃄𐃅𐃆𐃇𐃈𐃉𐃊𐃋𐃌𐃍𐃎𐃏𐃐𐃑𐃒𐃓𐃔𐃕𐃖𐃗𐃘𐃙𐃚𐃛𐃜𐃝𐃞𐃟𐃠𐃡𐃢𐃣𐃤𐃥𐃦𐃧𐃨𐃩𐃪𐃫𐃬𐃭𐃮𐃯𐃰𐃱𐃲𐃳𐃴𐃵𐃶𐃷𐃸𐃹𐃺𐃻𐃼𐃽𐃾𐃿𐄀𐄁𐄂𐄃𐄄𐄅𐄆𐄇𐄈𐄉𐄊𐄋𐄌𐄍𐄎𐄏𐄐𐄑𐄒𐄓𐄔𐄕𐄖𐄗𐄘𐄙𐄚𐄛𐄜𐄝𐄞𐄟𐄠𐄡𐄢𐄣𐄤𐄥𐄦𐄧𐄨𐄩𐄪𐄫𐄬𐄭𐄮𐄯𐄰𐄱𐄲𐄳𐄴𐄵𐄶𐄷𐄸𐄹𐄺𐄻𐄼𐄽𐄾𐄿𐅀𐅁𐅂𐅃𐅄𐅅𐅆𐅇𐅈𐅉𐅊𐅋𐅌𐅍𐅎𐅏𐅐𐅑𐅒𐅓𐅔𐅕𐅖𐅗𐅘𐅙𐅚𐅛𐅜𐅝𐅞𐅟𐅠𐅡𐅢𐅣𐅤𐅥𐅦𐅧𐅨𐅩𐅪𐅫𐅬𐅭𐅮𐅯𐅰𐅱𐅲𐅳𐅴𐅵𐅶𐅷𐅸𐅹𐅺𐅻𐅼𐅽𐅾𐅿𐆀𐆁𐆂𐆃𐆄𐆅𐆆𐆇𐆈𐆉𐆊𐆋𐆌𐆍𐆎𐆏𐆐𐆑𐆒𐆓𐆔𐆕𐆖𐆗𐆘𐆙𐆚𐆛𐆜𐆝𐆞𐆟𐆠𐆡𐆢𐆣𐆤𐆥𐆦𐆧𐆨𐆩𐆪𐆫𐆬𐆭𐆮𐆯𐆰𐆱𐆲𐆳𐆴𐆵𐆶𐆷𐆸𐆹𐆺𐆻𐆼𐆽𐆾𐆿𐇀𐇁𐇂𐇃𐇄𐇅𐇆𐇇𐇈𐇉𐇊𐇋𐇌𐇍𐇎𐇏𐇐𐇑𐇒𐇓𐇔𐇕𐇖𐇗𐇘𐇙𐇚𐇛𐇜𐇝𐇞𐇟𐇠𐇡𐇢𐇣𐇤𐇥𐇦𐇧𐇨𐇩𐇪𐇫𐇬𐇭𐇮𐇯𐇰𐇱𐇲𐇳𐇴𐇵𐇶𐇷𐇸𐇹𐇺𐇻𐇼𐇽𐇾𐇿𐈀𐈁𐈂𐈃𐈄𐈅𐈆𐈇𐈈𐈉𐈊𐈋𐈌𐈍𐈎𐈏𐈐𐈑𐈒𐈓𐈔𐈕𐈖𐈗𐈘𐈙𐈚𐈛𐈜𐈝𐈞𐈟𐈠𐈡𐈢𐈣𐈤𐈥𐈦𐈧𐈨𐈩𐈪𐈫𐈬𐈭𐈮𐈯𐈰𐈱𐈲𐈳𐈴𐈵𐈶𐈷𐈸𐈹𐈺𐈻𐈼𐈽𐈾𐈿𐉀𐉁𐉂𐉃𐉄𐉅𐉆𐉇𐉈𐉉𐉊𐉋𐉌𐉍𐉎𐉏𐉐𐉑𐉒𐉓𐉔𐉕𐉖𐉗𐉘𐉙𐉚𐉛𐉜𐉝𐉞𐉟𐉠𐉡𐉢𐉣𐉤𐉥𐉦𐉧𐉨𐉩𐉪𐉫𐉬𐉭𐉮𐉯𐉰𐉱𐉲𐉳𐉴𐉵𐉶𐉷𐉸𐉹𐉺𐉻𐉼𐉽𐉾𐉿𐊀𐊁𐊂𐊃𐊄𐊅𐊆𐊇𐊈𐊉𐊊𐊋𐊌𐊍𐊎𐊏𐊐𐊑𐊒𐊓𐊔𐊕𐊖𐊗𐊘𐊙𐊚𐊛𐊜𐊝𐊞𐊟𐊠𐊡𐊢𐊣𐊤𐊥𐊦𐊧𐊨𐊩𐊪𐊫𐊬𐊭𐊮𐊯𐊰𐊱𐊲𐊳𐊴𐊵𐊶𐊷𐊸𐊹𐊺𐊻𐊼𐊽𐊾𐊿𐋀𐋁𐋂𐋃𐋄𐋅𐋆𐋇𐋈𐋉𐋊𐋋𐋌𐋍𐋎𐋏𐋐𐋑𐋒𐋓𐋔𐋕𐋖𐋗𐋘𐋙𐋚𐋛𐋜𐋝𐋞𐋟𐋠𐋡𐋢𐋣𐋤𐋥𐋦𐋧𐋨𐋩𐋪𐋫𐋬𐋭𐋮𐋯𐋰𐋱𐋲𐋳𐋴𐋵𐋶𐋷𐋸𐋹𐋺𐋻𐋼𐋽𐋾𐋿𐌀𐌁𐌂𐌃𐌄𐌅𐌆𐌇𐌈𐌉𐌊𐌋𐌌𐌍𐌎𐌏𐌐𐌑𐌒𐌓𐌔𐌕𐌖𐌗𐌘𐌙𐌚𐌛𐌜𐌝𐌞𐌟𐌠𐌡𐌢𐌣𐌤𐌥𐌦𐌧𐌨𐌩𐌪𐌫𐌬𐌭𐌮𐌯𐌰𐌱𐌲𐌳𐌴𐌵𐌶𐌷𐌸𐌹𐌺𐌻𐌼𐌽𐌾𐌿𐍀𐍁𐍂𐍃𐍄𐍅𐍆𐍇𐍈𐍉𐍊𐍋𐍌𐍍𐍎𐍏𐍐𐍑𐍒𐍓𐍔𐍕𐍖𐍗𐍘𐍙𐍚𐍛𐍜𐍝𐍞𐍟𐍠𐍡𐍢𐍣𐍤𐍥𐍦𐍧𐍨𐍩𐍪𐍫𐍬𐍭𐍮𐍯𐍰𐍱𐍲𐍳𐍴𐍵𐍶𐍷𐍸𐍹𐍺𐍻𐍼𐍽𐍾𐍿𐎀𐎁𐎂𐎃𐎄𐎅𐎆𐎇𐎈𐎉𐎊𐎋𐎌𐎍𐎎𐎏𐎐𐎑𐎒𐎓𐎔𐎕𐎖𐎗𐎘𐎙𐎚𐎛𐎜𐎝𐎞𐎟𐎠𐎡𐎢𐎣𐎤𐎥𐎦𐎧𐎨𐎩𐎪𐎫𐎬𐎭𐎮𐎯𐎰𐎱𐎲𐎳𐎴𐎵𐎶𐎷𐎸𐎹𐎺𐎻𐎼𐎽𐎾𐎿𐏀𐏁𐏂𐏃𐏄𐏅𐏆𐏇𐏈𐏉𐏊𐏋𐏌𐏍𐏎𐏏𐏐𐏑𐏒𐏓𐏔𐏕𐏖𐏗𐏘𐏙𐏚𐏛𐏜𐏝𐏞𐏟𐏠𐏡𐏢𐏣𐏤𐏥𐏦𐏧𐏨𐏩𐏪𐏫𐏬𐏭𐏮𐏯𐏰𐏱𐏲𐏳𐏴𐏵𐏶𐏷𐏸𐏹𐏺𐏻𐏼𐏽𐏾𐏿𐐀𐐁𐐂𐐃𐐄𐐅𐐆𐐇𐐈𐐉𐐊𐐋𐐌𐐍𐐎𐐏𐐐𐐑𐐒𐐓𐐔𐐕𐐖𐐗𐐘𐐙𐐚𐐛𐐜𐐝𐐞𐐟𐐠𐐡𐐢𐐣𐐤𐐥𐐦𐐧𐐨𐐩𐐪𐐫𐐬𐐭𐐮𐐯𐐰𐐱𐐲𐐳𐐴𐐵𐐶𐐷𐐸𐐹𐐺𐐻𐐼𐐽𐐾𐐿𐑀𐑁𐑂𐑃𐑄𐑅𐑆𐑇𐑈𐑉𐑊𐑋𐑌𐑍𐑎𐑏𐑐𐑑𐑒𐑓𐑔𐑕𐑖𐑗𐑘𐑙𐑚𐑛𐑜𐑝𐑞𐑟𐑠𐑡𐑢𐑣𐑤𐑥𐑦𐑧𐑨𐑩𐑪𐑫𐑬𐑭𐑮𐑯𐑰𐑱𐑲𐑳𐑴𐑵𐑶𐑷𐑸𐑹𐑺𐑻𐑼𐑽𐑾𐑿𐒀𐒁𐒂𐒃𐒄𐒅𐒆𐒇𐒈𐒉𐒊𐒋𐒌𐒍𐒎𐒏𐒐𐒑𐒒𐒓𐒔𐒕𐒖𐒗𐒘𐒙𐒚𐒛𐒜𐒝𐒞𐒟𐒠𐒡𐒢𐒣𐒤𐒥𐒦𐒧𐒨𐒩𐒪𐒫𐒬𐒭𐒮𐒯𐒰𐒱𐒲𐒳𐒴𐒵𐒶𐒷𐒸𐒹𐒺𐒻𐒼𐒽𐒾𐒿𐓀𐓁𐓂𐓃𐓄𐓅𐓆𐓇𐓈𐓉𐓊𐓋𐓌𐓍𐓎𐓏𐓐𐓑𐓒𐓓𐓔𐓕𐓖𐓗𐓘𐓙𐓚𐓛𐓜𐓝𐓞𐓟𐓠𐓡𐓢𐓣𐓤𐓥𐓦𐓧𐓨𐓩𐓪𐓫𐓬𐓭𐓮𐓯𐓰𐓱𐓲𐓳𐓴𐓵𐓶𐓷𐓸𐓹𐓺𐓻𐓼𐓽𐓾𐓿𐔀𐔁𐔂𐔃𐔄𐔅𐔆𐔇𐔈𐔉𐔊𐔋𐔌𐔍𐔎𐔏𐔐𐔑𐔒𐔓𐔔𐔕𐔖𐔗𐔘𐔙𐔚𐔛𐔜𐔝𐔞𐔟𐔠𐔡𐔢𐔣𐔤𐔥𐔦𐔧𐔨𐔩𐔪𐔫𐔬𐔭𐔮𐔯𐔰𐔱𐔲𐔳𐔴𐔵𐔶𐔷𐔸𐔹𐔺𐔻𐔼𐔽𐔾𐔿𐕀𐕁𐕂𐕃𐕄𐕅𐕆𐕇𐕈𐕉𐕊𐕋𐕌𐕍𐕎𐕏𐕐𐕑𐕒𐕓𐕔𐕕𐕖𐕗𐕘𐕙𐕚𐕛𐕜𐕝𐕞𐕟𐕠𐕡𐕢𐕣𐕤𐕥𐕦𐕧𐕨𐕩𐕪𐕫𐕬𐕭𐕮𐕯𐕰𐕱𐕲𐕳𐕴𐕵𐕶𐕷𐕸𐕹𐕺𐕻𐕼𐕽𐕾𐕿𐖀𐖁𐖂𐖃𐖄𐖅𐖆𐖇𐖈𐖉𐖊𐖋𐖌𐖍𐖎𐖏𐖐𐖑𐖒𐖓𐖔𐖕𐖖𐖗𐖘𐖙𐖚𐖛𐖜𐖝𐖞𐖟𐖠𐖡𐖢𐖣𐖤𐖥𐖦𐖧𐖨𐖩𐖪𐖫𐖬𐖭𐖮𐖯𐖰𐖱𐖲𐖳𐖴𐖵𐖶𐖷𐖸𐖹𐖺𐖻𐖼𐖽𐖾𐖿𐗀𐗁𐗂𐗃𐗄𐗅𐗆𐗇𐗈𐗉𐗊𐗋𐗌𐗍𐗎𐗏𐗐𐗑𐗒𐗓𐗔𐗕𐗖𐗗𐗘𐗙𐗚𐗛𐗜𐗝𐗞𐗟𐗠𐗡𐗢𐗣𐗤𐗥𐗦𐗧𐗨𐗩𐗪𐗫𐗬𐗭𐗮𐗯𐗰𐗱𐗲𐗳𐗴𐗵𐗶𐗷𐗸𐗹𐗺𐗻𐗼𐗽𐗾𐗿𐘀𐘁𐘂𐘃𐘄𐘅𐘆𐘇𐘈𐘉𐘊𐘋𐘌𐘍𐘎𐘏𐘐𐘑𐘒𐘓𐘔𐘕𐘖𐘗𐘘𐘙𐘚𐘛𐘜𐘝𐘞𐘟𐘠𐘡𐘢𐘣𐘤𐘥𐘦𐘧𐘨𐘩𐘪𐘫𐘬𐘭𐘮𐘯𐘰𐘱𐘲𐘳𐘴𐘵𐘶𐘷𐘸𐘹𐘺𐘻𐘼𐘽𐘾𐘿𐙀𐙁𐙂𐙃𐙄𐙅𐙆𐙇𐙈𐙉𐙊𐙋𐙌𐙍𐙎𐙏𐙐𐙑𐙒𐙓𐙔𐙕𐙖𐙗𐙘𐙙𐙚𐙛𐙜𐙝𐙞𐙟𐙠𐙡𐙢𐙣𐙤𐙥𐙦𐙧𐙨𐙩𐙪𐙫𐙬𐙭𐙮𐙯𐙰𐙱𐙲𐙳𐙴𐙵𐙶𐙷𐙸𐙹𐙺𐙻𐙼𐙽𐙾𐙿𐚀𐚁𐚂𐚃𐚄𐚅𐚆𐚇𐚈𐚉𐚊𐚋𐚌𐚍𐚎𐚏𐚐𐚑𐚒𐚓𐚔𐚕𐚖𐚗𐚘𐚙𐚚𐚛𐚜𐚝𐚞𐚟𐚠𐚡𐚢𐚣𐚤𐚥𐚦𐚧𐚨𐚩𐚪𐚫𐚬𐚭𐚮𐚯𐚰𐚱𐚲𐚳𐚴𐚵𐚶𐚷𐚸𐚹𐚺𐚻𐚼𐚽𐚾𐚿𐛀𐛁𐛂𐛃𐛄𐛅𐛆𐛇𐛈𐛉𐛊𐛋𐛌𐛍𐛎𐛏𐛐𐛑𐛒𐛓𐛔𐛕𐛖𐛗𐛘𐛙𐛚𐛛𐛜𐛝𐛞𐛟𐛠𐛡𐛢𐛣𐛤𐛥𐛦𐛧𐛨𐛩𐛪𐛫𐛬𐛭𐛮𐛯𐛰𐛱𐛲𐛳𐛴𐛵𐛶𐛷𐛸𐛹𐛺𐛻𐛼𐛽𐛾𐛿𐜀𐜁𐜂𐜃𐜄𐜅𐜆𐜇𐜈𐜉𐜊𐜋𐜌𐜍𐜎𐜏𐜐𐜑𐜒𐜓𐜔𐜕𐜖𐜗𐜘𐜙𐜚𐜛𐜜𐜝𐜞𐜟𐜠𐜡𐜢𐜣𐜤𐜥𐜦𐜧𐜨𐜩𐜪𐜫𐜬𐜭𐜮𐜯𐜰𐜱𐜲𐜳𐜴𐜵𐜶𐜷𐜸𐜹𐜺𐜻𐜼𐜽𐜾𐜿𐝀𐝁𐝂𐝃𐝄𐝅𐝆𐝇𐝈𐝉𐝊𐝋𐝌𐝍𐝎𐝏𐝐𐝑𐝒𐝓𐝔𐝕𐝖𐝗𐝘𐝙𐝚𐝛𐝜𐝝𐝞𐝟𐝠𐝡𐝢𐝣𐝤𐝥𐝦𐝧𐝨𐝩𐝪𐝫𐝬𐝭𐝮𐝯𐝰𐝱𐝲𐝳𐝴𐝵𐝶𐝷𐝸𐝹𐝺𐝻𐝼𐝽𐝾𐝿𐞀𐞁𐞂𐞃𐞄𐞅𐞆𐞇𐞈𐞉𐞊𐞋𐞌𐞍𐞎𐞏𐞐𐞑𐞒𐞓𐞔𐞕𐞖𐞗𐞘𐞙𐞚𐞛𐞜𐞝𐞞𐞟𐞠𐞡𐞢𐞣𐞤𐞥𐞦𐞧𐞨𐞩𐞪𐞫𐞬𐞭𐞮𐞯𐞰𐞱𐞲𐞳𐞴𐞵𐞶𐞷𐞸𐞹𐞺𐞻𐞼𐞽𐞾𐞿𐟀𐟁𐟂𐟃𐟄𐟅𐟆𐟇𐟈𐟉𐟊𐟋𐟌𐟍𐟎𐟏𐟐𐟑𐟒𐟓𐟔𐟕𐟖𐟗𐟘𐟙𐟚𐟛𐟜𐟝𐟞𐟟𐟠𐟡𐟢𐟣𐟤𐟥𐟦𐟧𐟨𐟩𐟪𐟫𐟬𐟭𐟮𐟯𐟰𐟱𐟲𐟳𐟴𐟵𐟶𐟷𐟸𐟹𐟺𐟻𐟼𐟽𐟾𐟿𐠀𐠁𐠂𐠃𐠄𐠅𐠆𐠇𐠈𐠉𐠊𐠋𐠌𐠍𐠎𐠏𐠐𐠑𐠒𐠓𐠔𐠕𐠖𐠗𐠘𐠙𐠚𐠛𐠜𐠝𐠞𐠟𐠠𐠡𐠢𐠣𐠤𐠥𐠦𐠧𐠨𐠩𐠪𐠫𐠬𐠭𐠮𐠯𐠰𐠱𐠲𐠳𐠴𐠵𐠶𐠷𐠸𐠹𐠺𐠻𐠼𐠽𐠾𐠿𐡀𐡁𐡂𐡃𐡄𐡅𐡆𐡇𐡈𐡉𐡊𐡋𐡌𐡍𐡎𐡏𐡐𐡑𐡒𐡓𐡔𐡕𐡖𐡗𐡘𐡙𐡚𐡛𐡜𐡝𐡞𐡟𐡠𐡡𐡢𐡣𐡤𐡥𐡦𐡧𐡨𐡩𐡪𐡫𐡬𐡭𐡮𐡯𐡰𐡱𐡲𐡳𐡴𐡵𐡶𐡷𐡸𐡹𐡺𐡻𐡼𐡽𐡾𐡿𐢀𐢁𐢂𐢃𐢄𐢅𐢆𐢇𐢈𐢉𐢊𐢋𐢌𐢍𐢎𐢏𐢐𐢑𐢒𐢓𐢔𐢕𐢖𐢗𐢘𐢙𐢚𐢛𐢜𐢝𐢞𐢟𐢠𐢡𐢢𐢣𐢤𐢥𐢦𐢧𐢨𐢩𐢪𐢫𐢬𐢭𐢮𐢯𐢰𐢱𐢲𐢳𐢴𐢵𐢶𐢷𐢸𐢹𐢺𐢻𐢼𐢽𐢾𐢿𐣀𐣁𐣂𐣃𐣄𐣅𐣆𐣇𐣈𐣉𐣊𐣋𐣌𐣍𐣎𐣏𐣐𐣑𐣒𐣓𐣔𐣕𐣖𐣗𐣘𐣙𐣚𐣛𐣜𐣝𐣞𐣟𐣠𐣡𐣢𐣣𐣤𐣥𐣦𐣧𐣨𐣩𐣪𐣫𐣬𐣭𐣮𐣯𐣰𐣱𐣲𐣳𐣴𐣵𐣶𐣷𐣸𐣹𐣺𐣻𐣼𐣽𐣾𐣿𐤀𐤁𐤂𐤃𐤄𐤅𐤆𐤇𐤈𐤉𐤊𐤋𐤌𐤍𐤎𐤏𐤐𐤑𐤒𐤓𐤔𐤕𐤖𐤗𐤘𐤙𐤚𐤛𐤜𐤝𐤞𐤟𐤠𐤡𐤢𐤣𐤤𐤥𐤦𐤧𐤨𐤩𐤪𐤫𐤬𐤭𐤮𐤯𐤰𐤱𐤲𐤳𐤴𐤵𐤶𐤷𐤸𐤹𐤺𐤻𐤼𐤽𐤾𐤿𐥀𐥁𐥂𐥃𐥄𐥅𐥆𐥇𐥈𐥉𐥊𐥋𐥌𐥍𐥎𐥏𐥐𐥑𐥒𐥓𐥔𐥕𐥖𐥗𐥘𐥙𐥚𐥛𐥜𐥝𐥞𐥟𐥠𐥡𐥢𐥣𐥤𐥥𐥦𐥧𐥨𐥩𐥪𐥫𐥬𐥭𐥮𐥯𐥰𐥱𐥲𐥳𐥴𐥵𐥶𐥷𐥸𐥹𐥺𐥻𐥼𐥽𐥾𐥿𐦀𐦁𐦂𐦃𐦄𐦅𐦆𐦇𐦈𐦉𐦊𐦋𐦌𐦍𐦎𐦏𐦐𐦑𐦒𐦓𐦔𐦕𐦖𐦗𐦘𐦙𐦚𐦛𐦜𐦝𐦞𐦟𐦠𐦡𐦢𐦣𐦤𐦥𐦦𐦧𐦨𐦩𐦪𐦫𐦬𐦭𐦮𐦯𐦰𐦱𐦲𐦳𐦴𐦵𐦶𐦷𐦸𐦹𐦺𐦻𐦼𐦽𐦾𐦿𐧀𐧁𐧂𐧃𐧄𐧅𐧆𐧇𐧈𐧉𐧊𐧋𐧌𐧍𐧎𐧏𐧐𐧑𐧒𐧓𐧔𐧕𐧖𐧗𐧘𐧙𐧚𐧛𐧜𐧝𐧞𐧟𐧠𐧡𐧢𐧣𐧤𐧥𐧦𐧧𐧨𐧩𐧪𐧫𐧬𐧭𐧮𐧯𐧰𐧱𐧲𐧳𐧴𐧵𐧶𐧷𐧸𐧹𐧺𐧻𐧼𐧽𐧾𐧿𐨀𐨁𐨂𐨃𐨄𐨅𐨆𐨇𐨈𐨉𐨊𐨋𐨌𐨍𐨎𐨏𐨐𐨑𐨒𐨓𐨔𐨕𐨖𐨗𐨘𐨙𐨚𐨛𐨜𐨝𐨞𐨟𐨠𐨡𐨢𐨣𐨤𐨥𐨦𐨧𐨨𐨩𐨪𐨫𐨬𐨭𐨮𐨯𐨰𐨱𐨲𐨳𐨴𐨵𐨶𐨷𐨹𐨺𐨸𐨻𐨼𐨽𐨾𐨿𐩀𐩁𐩂𐩃𐩄𐩅𐩆𐩇𐩈𐩉𐩊𐩋𐩌𐩍𐩎𐩏𐩐𐩑𐩒𐩓𐩔𐩕𐩖𐩗𐩘𐩙𐩚𐩛𐩜𐩝𐩞𐩟𐩠𐩡𐩢𐩣𐩤𐩥𐩦𐩧𐩨𐩩𐩪𐩫𐩬𐩭𐩮𐩯𐩰𐩱𐩲𐩳𐩴𐩵𐩶𐩷𐩸𐩹𐩺𐩻𐩼𐩽𐩾𐩿𐪀𐪁𐪂𐪃𐪄𐪅𐪆𐪇𐪈𐪉𐪊𐪋𐪌𐪍𐪎𐪏𐪐𐪑𐪒𐪓𐪔𐪕𐪖𐪗𐪘𐪙𐪚𐪛𐪜𐪝𐪞𐪟𐪠𐪡𐪢𐪣𐪤𐪥𐪦𐪧𐪨𐪩𐪪𐪫𐪬𐪭𐪮𐪯𐪰𐪱𐪲𐪳𐪴𐪵𐪶𐪷𐪸𐪹𐪺𐪻𐪼𐪽𐪾𐪿𐫀𐫁𐫂𐫃𐫄𐫅𐫆𐫇𐫈𐫉𐫊𐫋𐫌𐫍𐫎𐫏𐫐𐫑𐫒𐫓𐫔𐫕𐫖𐫗𐫘𐫙𐫚𐫛𐫜𐫝𐫞𐫟𐫠𐫡𐫢𐫣𐫤𐫦𐫥𐫧𐫨𐫩𐫪𐫫𐫬𐫭𐫮𐫯𐫰𐫱𐫲𐫳𐫴𐫵𐫶𐫷𐫸𐫹𐫺𐫻𐫼𐫽𐫾𐫿𐬀𐬁𐬂𐬃𐬄𐬅𐬆𐬇𐬈𐬉𐬊𐬋𐬌𐬍𐬎𐬏𐬐𐬑𐬒𐬓𐬔𐬕𐬖𐬗𐬘𐬙𐬚𐬛𐬜𐬝𐬞𐬟𐬠𐬡𐬢𐬣𐬤𐬥𐬦𐬧𐬨𐬩𐬪𐬫𐬬𐬭𐬮𐬯𐬰𐬱𐬲𐬳𐬴𐬵𐬶𐬷𐬸𐬹𐬺𐬻𐬼𐬽𐬾𐬿𐭀𐭁𐭂𐭃𐭄𐭅𐭆𐭇𐭈𐭉𐭊𐭋𐭌𐭍𐭎𐭏𐭐𐭑𐭒𐭓𐭔𐭕𐭖𐭗𐭘𐭙𐭚𐭛𐭜𐭝𐭞𐭟𐭠𐭡𐭢𐭣𐭤𐭥𐭦𐭧𐭨𐭩𐭪𐭫𐭬𐭭𐭮𐭯𐭰𐭱𐭲𐭳𐭴𐭵𐭶𐭷𐭸𐭹𐭺𐭻𐭼𐭽𐭾𐭿𐮀𐮁𐮂𐮃𐮄𐮅𐮆𐮇𐮈𐮉𐮊𐮋𐮌𐮍𐮎𐮏𐮐𐮑𐮒𐮓𐮔𐮕𐮖𐮗𐮘𐮙𐮚𐮛𐮜𐮝𐮞𐮟𐮠𐮡𐮢𐮣𐮤𐮥𐮦𐮧𐮨𐮩𐮪𐮫𐮬𐮭𐮮𐮯𐮰𐮱𐮲𐮳𐮴𐮵𐮶𐮷𐮸𐮹𐮺𐮻𐮼𐮽𐮾𐮿𐯀𐯁𐯂𐯃𐯄𐯅𐯆𐯇𐯈𐯉𐯊𐯋𐯌𐯍𐯎𐯏𐯐𐯑𐯒𐯓𐯔𐯕𐯖

O ACRÓSTICO DO TÚMULO DE KHERUEF

PAULO CARREIRA

Universidade de Lisboa
BorgesCarreira@sapo.pt

Resumo

Tem o presente trabalho como objectivo a tradução e exegese de um acróstico existente no túmulo do superintendente Kheruef (TT 192), o qual viveu na XVIII dinastia, durante o reinado de Amen-hotep III. Reflectindo o período de intenso labor filosófico e teológico que então se vivia, o texto sofreu a influência das correntes de pensamento predominantes, a saber:

- A unicidade amoniana, que fazia de Amon o novo demiurgo sob a sua forma (*hpr*) de Amon-Ré-Atum, mas que ao mesmo tempo o aproximava da humanidade como o «deus pessoal» de cada um.

- A nova teologia solar, designação de Jan Assmann para uma nova teoria para-científica e desmitologizada da vida na terra, explicada em termos do calor e da luz solar. Esta teoria é considerada uma das fontes principais das futuras doutrinas atonistas

A unicidade amoniana constitui a principal influência detectável no acróstico que aqui apresentamos, embora estejam igualmente presentes alguns princípios da nova teologia solar.

Palavras-chave: Kheruef: túmulos; funcionários; Amon; nova teologia solar

Abstract

The purpose of the present work is the translation and exegesis of an acrostic from the tomb of superintendent Kheruef (TT 192) who lived under the XVIII dynasty, reign of king Amenhotep III. Reflecting a time of intensive philosophical and theological labour, the texts were obviously influenced by contemporary teachings, namely:

e, tal como eles, usufruiu de um túmulo no chamado «Vale dos Nobres», actualmente designado por TT 192. Tal como é hábito entre os seus contemporâneos³, o túmulo de Kheruef ostenta uma grande quantidade de títulos honoríficos, como *ser* (*sr*), «funcionário», *semer uati* (*smr w^cty*), «amigo único», e de dignos epítetos que culminam com *imakhi kher Amon* (*im³hy hr 'Imn*), «proclamado venerável por Amon». Isto não obsta a que a sua figura tenha sido martelada, talvez por iconoclastas atonianos.

A vida era bela para Kheruef e para os seus colegas que, certamente nos vagares das respectivas profissões, liam e compunham textos eruditos ou belos poemas de amor. Dois achados arqueológicos mostram que estes intrincados «jeux d'esprit» se estendiam para além da morte, constituindo talvez um desafio de carácter lúdico para os futuros visitantes. Efectivamente, na segunda sala do túmulo de Khaemhat⁴, que era *imirá chenuti* (*imy-r šnwtj*), «superintendente do duplo celeiro⁵», existe um texto criptográfico, e no túmulo de Kheruef, lado sul do corredor de entrada, foi mandado gravar um acróstico segundo uma matriz de treze linhas por catorze colunas.

A sua tradução e exegese constituem o objectivo deste trabalho.

2. Envolvente religiosa

A fim de tornar estes hinos mais compreensivos, importa fazer uma breve incursão nos domínios da situação religiosa que se vivia no tempo de Kheruef.

No decurso da XVIII dinastia, particularmente a partir do reinado de Hatchepsut, assistiu-se ao reforço de um movimento filosófico e teopolítico que se veio a traduzir na progressiva acumulação de poderes numa única entidade divina, Amon de Tebas. Isto foi interpretado por Assmann como o produto de uma crise do ancestral politeísmo egípcio⁶. Se, aparentemente, o politeísmo tradicional não parece estar em causa, nem há sinais de uma descrença generalizada, se os templos continuam a ser erguidos ou renovados⁷, não é menos verdade que há uma «crise», mais ou menos subterrânea, entre os intelectuais, a qual explodirá, embora de forma limitada, com Amen-hotep IV / Akhenaton⁸.

De facto, o que os documentos nos mostram é a formação de dois poderosos grupos que se vão afrontar primeiramente a nível religioso e posteriormente a nível político. O primeiro destes grupos engloba, muito

provavelmente, o soberano e seus funcionários próximos e está ligado à manutenção e reforço do poder real, o segundo é constituído pelo clero de Amon, sediado em Tebas-Uaset e pretende a expansão e fortalecimento do poder sacerdotal.

Inicialmente deus de Tebas-Uaset, com alguma expressão no Império Médio⁹, Amon fora tomado como o patrono da vitória egípcia sobre os Hicsos e impulsor da política de expansão dos reis do Império Novo. Acompanhando este movimento, o seu clero elaborou progressivamente um programa teológico, que denominaremos unicidade amoniana¹⁰, e que a documentação existente mostra haver-se desenvolvido de acordo com os seguintes pontos:

- 1 – Atribuição de um papel demiúrgico a Amon, sincretizando-o com os demiurgos ancestrais, Atum e Ré.
- 2 – Concessão dos títulos de *nesu-netjeru* (*nsw-ntrw*), «rei dos deuses», e *nesu-biti* (*nsw-bity*), «rei do Alto e do Baixo Egito», à nova entidade Amon-Ré.
- 3 – Leitura e apresentação de outros deuses como suas *kheperu* (*hprw*), «manifestações».
- 4 – Aproximação do primitivamente distante Amon ao comum dos mortais, tornando-o num deus cujos ouvidos talhados na pedra escutavam as tragédias físicas e morais que sempre acompanharam o ser humano. Na prática, isto correspondia à usurpação do papel de administrador da justiça que sempre havia cabido ao rei.

Cada um destes pontos teve consequências ideológicas, e principalmente políticas. A relação entre o sumo sacerdote do «rei dos deuses» e o soberano, que é um Hórus vivo, torna-se desequilibrada, nomeadamente sempre que o deus Amon é solicitado para o designar publicamente, como aconteceu com o jovem Tutmés III e logo a seguir com sua tia Hatchepsut. Compreende-se portanto que Tutmés IV tenha optado por receber a coroa de Ré-Horemakhet, a Esfinge de Guiza, e não de Amon.

Paralelamente a este movimento de unificação amoniana, assiste-se a uma reinterpretação para-científica e desmitologizada da ordem do mundo, conhecida por «nova teologia solar». Esta mergulha as suas raízes no pensamento religioso solar que tinha sido implementado na IV dinastia e transparece, por exemplo, na XVIII dinastia nos hinos do túmulo de Suti e Hor. Contrariamente aos antigos mitos sobre a sua acidentada viagem

e o combate diário contra as forças do caos, o Sol torna-se a força motriz de uma cadeia de causas e efeitos: fonte da luz e do calor que fazem crescer as plantas, os animais e os seres humanos. Simultaneamente longínquo e próximo, é ele a explicação última do mecanismo da visão, o regente do dia e da noite, das estações e da grande inundação do rio Nilo. Afadiga-se, quotidianamente, com a gestão do mundo mas o seu percurso nocturno é secreto.

Em si mesma, esta nova teologia solar não é um obstáculo ao que designámos por unicidade amoniana. Efectivamente, o disco ou globo solar, Aton, é sempre considerado a hipóstase de um deus e nunca um deus por direito próprio. Para o clero tebano, quem vive em Aton é, evidentemente, Amon-Ré, mas nada impede que seja Ré ou Ré-Horakhti, de acordo com as doutrinas atonistas¹¹. Esta ambiguidade da nova teologia solar permitiu-lhe atravessar incólume o período amarniano e prosseguir, pelo menos até ao fim dos Ramséssidas, mesmo que muito do seu discurso tenha sido aproveitado por Akhenaton e seus partidários.

3. O texto

A fonte utilizada no presente trabalho foi a reconstituição textual de Wenté¹². Estamos perante um conjunto de dois hinos, um de leitura segundo as linhas, texto horizontal (H), e outro de texto vertical (V), de leitura segundo as colunas. Daí o seguinte esquema de numeração:

	A	B	C	...	J
1					
2					
...					
13					

Linha 1

1

dw3 'Imn ntr ntr(y) mr(w)ty n... in... ntr nfr

Adoração a Amon, ser divino¹³, o bem-amado de¹⁴ ... pelo deus beneficente

2

Nfr-hprw-Ré s3 R'Imn-hotep hk3 (m) W3st ind hr.k

Neferkheperuré, filho de Ré, Amen-hotep, governante de Tebas. Saudações a ti¹⁵

Linha 2

3

R' 3 h'w(.tn)... nfr(w) hprw hnt itrt.f b3y

ó Ré, grande nas (tuas) aparições, de belas formas, o que está diante do seu santuário, o do *ba*,

4

Imn imnw shtp.f wsr h3wt iri.n ht nbt

o mais oculto dos ocultos quando repousa, de semblante poderoso¹⁶, ele fez todas as coisas¹⁷.

Linha 3

5

Hr smsw nb itrtv18 imy wi3 whm h'iw

Hórus mais velho, senhor dos dois conclaves¹⁹, o que está na barca²⁰ sagrada, repetindo aparições

6

...tw R'-hpry... m Itn Itm hry

... Ré-Khepri ... como o disco solar. Atum que está sobre

Linha 4

7

3hty twt nsw ntrw sistr nt šsp.f

Linha 7

13

in.i ʕ3 sḥm.f shḏ tʕ nmi.pt

Eu digo²⁹: É aquele deus cujo poder é grande, que ilumina a terra, que atravessa³⁰ o céu,

14

nb ḥknw Imn-Rʕ ntr wʕw nn iwty nw.f mn ʕ3 nḥtw

o senhor do júbilo³¹, Amon-Ré, deus único e sem par, estável³² e grande em força³³

15

... n nsw bit(y) ...

... do (?) rei do Alto e do Baixo Egito...

Linha 8

16

ntr nb pt wsr ḥprw ... t r M3nw nb nswt t3wy imn sḥm.f

deus e senhor do céu, poderoso em manifestações, ... porta-voz de Manu, senhor dos tronos das Duas Terras³⁴, os seus desígnios são ocultos.

17

iri.n(f) (n)pri ... f nb dt ḥry-tp nḥḥ wr...

Ele fez o cereal, ... , senhor da eternidade e garante da continuidade, o grande...

Linha 9

18

fr nsw nb wʕb ... nb ... ʕ3 nsywt šw thnt ... t ... w

rei perfeito, senhor puro, ... grande em soberania, luz do Sol, brilhante...

Imn-R^c...(nb) ʔwy ...

Amon-Ré... (senhor das) Duas Terras ...

Linha 10

19

s3 R^c Imn-ḥtp ḥk3 W3st ʔwy n.k R^c twt pr(i) Nwnw

Filho de Ré, Amen-hotep, soberano de Uaset (Tebas); louvor a ti Ré, imagem divina que saiu do Nun

20

š^cnh ḥr nb mwt mwtw ʔt ʔtw

e que a todos faz viver, mãe das mães e pai dos pais³⁵

21

Imn-ḥtp R^c...ḥnt ir(.n).f ... ʔw ʔri nty nb ʔwty sn-nw.f

Amen-hotep, Ré ..., o que está à frente de tudo o que fez, não há outro como ele.

22

ḥ^ci ḥr-tp ʔ3 ḥ^cw.f ʔtn ...ts... ... f...

Quando aparece sobre a terra, o seu corpo é o disco solar... que une... ..

Linha 12

23

ḥk3 W3st nb... ..

Governante de Uaset (Tebas)... .. senhor... ..

24

km(3) ntt s šhnt tmw ʔwty rh.f

que criaste (tudo) o que existe, que tudo fazes avançar, (que és) incognoscível

25

smswtw dt nhḥ

o mais velho, eternamente e para sempre.

Linha 13

26

ind ḥr.k... nb nrw.f ...w nb mwt.f Nwnw

Louvor a ti, senhor do terror, ... a sua mãe é Nun.

27

ṣṣnh t3wy hy n ḥr.k nsw rhyt... ds.f

Ele faz viver as Duas Terras. Louvor à tua face, rei da humanidade... ele próprio.

28

ir.n.f... wr ḥk3w nb dt

Ele fez... grande em magias³⁶, divino senhor da eternidade.

Texto vertical

Coluna A

1

dw3 R^c-Hr-^chty r nfr ntrw in ntr nfr s3 R^cImn-ḥtp

Adoração a Ré-Horakhti, boca perfeita dos deuses, diz o deus perfeito, o filho de Ré, Amen-hotep,

2

ḥk3 W^st ind ḥr.k

soberano de Uaset (Tebas). Louvor a ti

Coluna B

3

Imn-R^c smsw twt ... ʕ3 šhm.f

Amon-Ré, o mais velho, perfeito. ... grande é o seu poder

4

nsw Imn-htp R^c ...

Rei Amen-hotep, sol ...

Coluna C

5

*ntr ʕ3 nb itrty nsw ntrw rs ḥ3wt ʕ3 ḥpry šḥd t3*deus grande, senhor dos dois conclaves, rei dos deuses, de ar vigilante,
o grande que veio à existência, que ilumina a terra,

6

*wsr ḥprw nb w^cb ḥk3 W3st ḥnt(y) iri.f ... nb nrw*rico em manifestações, senhor puro, soberano de Tebas, o que está à
frente da sua criação, ... senhor do terror**Coluna D**

7

*ntr ḥ^cw imi wi3 šḥnt ḥd t3 nb imiw.f nmpt*divino em aparições. O que está na barca e que faz avançar a aurora, o
senhor dos que estão com ele, que atravessa o céu,

8

... i3w n.k ... iw nb... f

... louvor a ti... tu és o senhor de ...

Coluna E

9

mr(w)ty whm h3w sšp.f Imn R° K3 mwt.f nb hknw

o bem amado, (o que) repete aparições, a luz do dia é sua, Amon-Ré-Kamutef, senhor do júbilo.

10

r M3nw ...nb R° iri nty nb ...nbw

Porta-voz de Manu... tudo, Ré que fez todo o ... e tudo o que existe

Coluna F

11

n ... tw htp... d... f Imn-R° nb nswt t3wy ...

de se apazigua ... Amon-Ré, senhor dos tronos das Duas Terras ...

12

twt i3w(.i) iwty sn-nw.f km(3) ntt mwt.f Nwnw

Louvo a (sua) imagem, não há segundo como ele que criou³⁷ tudo o que existe, a sua mãe é Nun.

Coluna G

13

in(.f) Nfrhprw-R° kni ... nb... ntr imn 3 nsywt

Assim diz Neferkheperuré, o forte, senhor... deus oculto, grande em soberania

14

pri Nwnw h°i hr-tp B shn tmw s°nh t3wy

que saiu do Nun e aparece(u) sobre a terra. Ele faz avançar todos os homens, ele dá vida às Duas Terras.

Coluna H

15

nfr hprw hnt itr.f hpri h m šw wꜥ wꜥw sšm.f

Belo (nas suas) manifestações, o que está diante do seu santuário, Khepri, benéfico na luz do Sol, único dos únicos, ele fez-se a si mesmo,

16

šw nbi hꜥw.f iwty rh.f hy n hr.k

luz dourada é o seu corpo, ele é incognoscível. Louvor a ti

Coluna I

17

Rꜥ bꜣy ... n nn hr hꜣw.f iwty nw.f iri.n pri

Ré (o dotado de) *ba...* o sem par, não há outro como ele. Ele fez o cereal.

18

thn hpr(w) ... Itn smsw nsw rhyt

Brilhante de formas ... o disco solar, o mais velho, rei da humanidade,

Coluna J

19

sꜣ Rꜥ Imn... htp hkꜣ Wꜣst... mn ...f ...t ...w nb hkꜣ(w)

O filho de Ré, Amen-hotep, governante de Tebas... estável... senhor dos governantes

20

... ds.f

... ele próprio.

Coluna K

21

Imn imnw ... m... hnt... ... 3 nhtw nb dt

O mais oculto dos ocultos... o que está à frente de ... grande em força, senhor da eternidade

22

Imn-R^c W3sty ts... ..n ... ir.n.f

Amon-Ré, o tebano que junta ... ele fez...

Coluna L

23

htp htp.f m Itnn n hry-tp (n)hh

gracioso, quando repousa como o disco solar, grande... ..o garante da continuidade.

24

šnh hr nb ..f ..tw wr hk3w

Que tudo faz viver ... grande em magias

Coluna M

25

hk3 W3st wsr h3w tm ..f ..nb.f M3nw smsw nsw-bit(y) wr ...t3wy

Soberano de Tebas de poderoso semblante, Atum ... Manu, o mais velho, Rei do Alto e do Baixo Egito, grande ... (senhor) das Duas Terras

26

mwt mwwtnb

Mãe das mães... senhor divino

Coluna N

27

ind hr.k iri.n.ht nbt hry mwt.f htpi s3hw

saudações a ti, que fizeste todas as coisas, o que é superior a sua mãe³⁸,
o mais gracioso dos que foram declarados *akhu*

28

$$(i)t \ (i)tw \dots nh\dot{h} \ dt$$

Pai dos pais... para sempre e eternamente.

4. Análise textual

Cada um dos textos foi examinado de acordo com uma grelha de leitura em nove pontos, quadros I a IX, tal como se mostra seguidamente.

O destinatário destes hinos é evidentemente Amon-Ré (quadro I), como é referido cinco vezes nos dois hinos. Manifesta-se sob várias formas (quadro II):

Quadro I – Referente divino dos dois textos

Referente divino	Texto H	Texto V
Amon-Ré	7,14; 8,19	B 3; F 34; K 50
Total	2	3

Quadro II – Manifestações divinas de Amon-Ré

Manifestações divinas	Texto H	Texto V
Hórus	3,5	
Kamutef	6, 11	
Ré-Horakhti		A 1
Amon-Ré-Kamutef		E 9
Ré-Khepri	5,6	
Khepri		H 15
Ré	2,3	
Atum	5,6	E 10
Amon	1, 11	
Total	6	4

Associado a Ré, Amon recebeu as *kheperu* (*hprw*), «manifestações» do velho deus: nasce sob a forma do escaravelho Khepri, atinge o máximo da sua força ao meio-dia solar, afirmando-se especificamente como Ré, e chega ao ocaso sob a forma de Atum, que na antiga concepção heliopolitana tinha gerado a Enéade. Tendo alcançado o domínio dos dois pontos principais do circuito solar, Amon é igualmente manifesto como Ré-Horakhti e, mergulhando nos primórdios da religião egípcia, é também o velho Hórus, o Antigo, que se adorava em Behedet-Edfu, e cujo emblema se encontra nos pórticos dos pilones dos templos, sob a forma de um disco solar alado e defendido por duas serpentes.

Mas Amon usufrui também de prerrogativas mínicas, pois é Kamutef, «o touro de sua mãe», e salienta novamente a sua potência criadora sob o nome de «o touro que está em Heliópolis», de acordo com o início do capítulo 15 do «Livro dos Mortos»³⁹ e no *Grande Hino a Amon, do Cairo*⁴⁰. Sem perda do seu papel de «rei dos deuses», Amon-Ré conserva o carácter misterioso inerente a Amon, mas torna-se visível em Aton⁴¹, «o disco solar», sua hipóstase, que navega pelo céu (quadro III), tal como se manifesta fisicamente na imagem que se desloca na barca, aos ombros dos sacerdotes, durante as grandes festas. Apesar de tal majestade, ainda está próximo dos fiéis, pois os seus ouvidos, representados na pedra dos templos e em estelas (estelas das orelhas), escutam todos os necessitados.

Quadro III – Manifestações de Amon-Ré, no mundo físico

Manifestações no mundo físico	Texto H	Texto V
<i>ḥꜥw.f ttn</i> , «o seu corpo é o disco solar»	10,22	I 18
<i>šw nby ḥꜥw.f</i> , «a luz dourada é o seu corpo»	9,18	H 16
<i>nmi pt</i> , «atravessa o céu»	7, 13	D 7
<i>ḥtp.f m ttn</i> , «repousa no disco solar»		L 23
<i>šhnt ḥd t3</i> , «faz avançar a aurora»		D 7
<i>stirt nt šsp.f</i> , «faz avançar a sua luz do dia»	4,7	
Total	4	5

Amon fora já considerado um dos oito princípios criadores da cosmogonia de Hermópolis (onde formava um casal com a sua paredra prosódica Amonet), mas ao ser associado a Atum-Ré de Heliópolis passou a ser o princípio único, o demiurgo, que, por definição, se faz a si mesmo (quadro IV).

Quadro IV – Filiação de Amon-Ré

Filiação	Texto H	Texto V
<i>pr(i) Nwnw</i> , «saiu de Nun»	10,19	
<i>mwt.f Nwnu</i> , «sua mãe é Nun»	13,26	F 12
<i>hry mwt.f</i> , «o que é superior a sua mãe»		N 27
<i>sšm.f</i> , «fez-se a si mesmo»		H 15
𓆎 <i>hpry</i> , «o grande que veio à existência»	6,11	
Total	3	3

Mantendo a velha cosmogonia solar, Amon-Ré saiu de Nun⁴², um meio aquoso, tal como o bebé deixa o útero de sua mãe. Porque é uma entidade ordenada, maética, contrastando com o caos de onde se ergueu, pode dizer-se que «é superior a sua mãe». Contrariamente ao que acontece no *Hino de Suti e Hor*⁴³ nunca é referida no acróstico a filiação à deusa Nut, teologização da abóbada celeste.

Na sua qualidade de deus supremo, são-lhe outorgados títulos que aludem a essa especificidade (quadro V): é um soberano absoluto, dirige as assembleias dos deuses do Alto e do Baixo Egito, domina o tempo, pode mesmo ser terrível, tal como o faraó que se bate como um leão⁴⁴. Paralelamente, e isto vai fazer toda a diferença, ele é o senhor da alegria, como é visível na sua bela festa de Opet, e é um pai e uma mãe não só para o rei do Egito mas para todos os seus habitantes, ouve-os e aconselha-os com os seus oráculos.

Quadro V – Títulos divinos de Amon-Ré

Títulos divinos	Texto H	Texto V
<i>ntr ntr(y)</i> , «ser divino»	1,1	
<i>ntr w^cw</i> , «deus único»	6,12;	
<i>wty sn-nw.f</i> , «não há outro como ele»	7,14	H 15
<i>w^c w^cw</i> , «o mais único dos únicos»	10,21	
<i>ntr nb pt</i> , «deus e senhor do céu»	8,16	
<i>twt nsw ntrw</i> , «imagem do rei dos deuses»	4,7	B 3
<i>nsw ntrw</i> , «rei dos deuses»		C 5
<i>nb itry</i> , «senhor dos dois conclaves»	3,5	C 5
<i>nb dt</i> , «senhor da eternidade»	13,28	
<i>hry-tp (n)hh</i> , «garante da continuidade»		L 23
<i>nb w^cb</i> , «senhor puro»		C 6
<i>nb n rw</i> , «senhor do terror»		C 6
<i>nb n rw.f</i> , «senhor do seu terror»	13,26	
<i>nb n hknw</i> , «senhor do júbilo»	7,14	E 9

Títulos divinos	Texto H	Texto V
<i>r M3nw</i> , «porta-voz de Manu»	8,16	E 10
<i>mwt mwwt</i> , «mãe das mães»	10,20	M 26
<i>it itw</i> , «pai dos pais»	10,20	N 28
Total	12	11

Como todos os grandes deuses do panteão, também o poderoso Amon-Ré usufrui de numerosos epítetos (quadro VI):

Quadro VI – Epítetos divinos de Amon-Ré

Epítetos divinos	Texto H	Texto V
<i>hnt itrt.f</i> , «o que está diante do seu santuário»	2,3	H 15
<i>hnty ir.f</i> , «o que está diante da sua criação»	10,21	C 6
<i>imy wi3</i> , «o que está na barca»	3,5	
<i>wḥm ḥi.w</i> , «o que repete aparições»	3,5	E 9
<i>ntr ḥi.w</i> , «o deus (das múltiplas) aparições»		D 7
<i>wsr ḥprw</i> , «poderoso (nas suas) manifestações»	8,16	C 6
<i>nfr ḥprw</i> , «belo (nas suas) manifestações»	2,3	H 15
<i>imn imnw</i> , «o mais oculto dos ocultos»	2,4	K 16
<i>imn ssm.f</i> , «os seus desígnios são ocultos»	8,16	H16
<i>iwti rh.f</i> , «ele é incognoscível»	12, 24	G13
<i>ntr imn</i> , «deus oculto»		
<i>b3y</i> , «o do <i>ba</i> »	2,3	
<i>R^c b3y</i> , «Ré, dotado de <i>ba</i> »		I 17
<i>rs ḥ3wt</i> , «de ar vigilante»	5,9	C 5
<i>wsr ḥ3wt</i> , «de semblante poderoso»	2,4	
<i>mrwty</i> , «bem amado»	1,1	E 9
<i>ḥtp</i> , «pacífico»	4,8	
<i>ḥtpy(w) ntrw</i> , «o mais gracioso dos deuses»	5,10; 6,11	
<i>wsr ḥk3w</i> , «grande em magias»	3,28	
<i>smsw</i> , «o mais velho»		I 8; M 25
<i>šmsw s3ḥw</i> , «o mais velho dos que foram declarados <i>akhu</i> »	6,12	
<i>ḥtpi s3ḥw</i> , «o mais velho dos que foram declarados <i>akhu</i> »		N 27
Total	18	16

Todos os deuses, e portanto Amon-Ré, eram adstritos a determinadas funcionalidades (quadro VII) mas, na sua qualidade de demiurgo, ele domina-as todas, é o criador da vida, um «criador continuado» porque todas

as vidas são breves. A sua *driving-force* está bem explicitada nos hinos: é a luz do Sol que ilumina a terra e permite que ela floresça em vida e alimento.

Quadro VII – Funcionalidades de Amon-Ré

Funcionalidades	Texto H	Texto V
<i>ir n ht nbt</i> , «ele fez todas as coisas»	2,4	
<i>km3 ntt</i> , «ele fez tudo o que existe»	12,24	F 12 E 10
<i>Rc ir nty nb ...nbw</i> , «Ré que fez todo o ... e tudo o que existe»		
<i>shd t3</i> , «ilumina a Terra»	7,13	C 5
<i>h m šw</i> , «ele é benéfico na luz do Sol»		H 15
<i>snh hr nb</i> , «ele tudo faz viver»	10,20	L 24
<i>snh t3wy</i> , «ele dá vida às Duas Terras»	13,27	G 14
<i>ir n pri</i> , «ele fez o cereal»	8,17	I 17
Total	6	7

Por todas as belas acções que realiza quotidianamente em prol da humanidade, Amon-Ré procede como um rei, rei de toda a humanidade e não só do Egipto, cuja titulação básica ostenta (quadro VIII), frisando assim, tal como um soberano da XVIII dinastia, que é ele quem governa a cidade de Tebas.

Quadro VIII – Títulos reais de Amon-Ré

Títulos reais	Texto H	Texto V
<i>nsw rhyt</i> , «rei dos povos, da humanidade»	13, 27	I 18
<i>nsw bit(y)</i> , «Rei do Alto e do Baixo Egipto»	7,15	M 25
<i>nb nswt t3wy</i> , «senhor (dos tronos) das Duas Terras»	8,16	
<i>hk3 W3st</i> , «governante de Tebas»	5,10; 12,23	C 6
Total	5	3

O principal epíteto real de Amon-Ré é evidentemente *netjer-nefer* (*ntr-nfr*), «deus perfeito» ou «deus beneficente», o qual desde há gerações fazia parte do protocolo dos soberanos das Duas Terras. No entanto é possível reconhecer outros epítetos constantes destes hinos (quadro IX) em textos que se referem a reis. Akhenaton, por exemplo⁴⁶.

Quadro IX – Epítetos reais de Amon-Ré

Epítetos reais	Texto H	Texto V
<i>mn</i> , «estável»	7,14	
<i>nb hk3w</i> , «senhor dos governantes»		J 19
<i>3 nhtw</i> , «grande em força»	7,14	

𓆎 <i>ḳnt</i> , «grande em valor»	4,8	
𓆎 <i>nsywt</i> , «grande em soberania»		G 13
<i>shnti tmw</i> , «favorece a todos os homens, faz avançar a humanidade»		G 14
Total	3	3

5. Conclusões

De acordo com a grelha de leitura que foi utilizada, os dois hinos a Amon-Ré que constam do acróstico⁴⁶ do túmulo de Kheruef podem ser considerados como homogéneos, já que a diferença entre o número total de itens por categoria, em cada um deles, é nula ou muito pequena.

O deus solar é simultaneamente apresentado como rei dos homens e rei dos deuses e como tal dispõe de cerimoniosos protocolos abundantemente providos de epítetos. Se os compararmos com o *Grande Hino a Amon, do Cairo* (GHAC) e o *Hino da estela de Suti e Hor* (HSH)⁴⁸ dois textos coetâneos, verifica-se imediatamente que este último e o acróstico não se referem à luta nocturna do deus solar contra o monstro Apópolis, que ele vence, permitindo assim o nascer do novo dia. Se, de acordo com Assmann⁴⁹, este episódio está ausente da nova teologia solar (NTS), então os dois textos poderiam ser englobados nesta corrente filosófica mas não o *Grande Hino*. Na verdade as coisas são mais complexas.

O referente divino, Amon-Ré, vem descrito de uma forma antropomórfica como «jovem rapaz, belo de amor» (GHAC, linhas 20, 21), zoomórfica como «grande falcão de peito ornamentado» (GHAC, linha 201; HSH, linha 35) ou astronómica, tal como na NTS. Aton é, então, chamado *Aton en heru* (*Itn n hrw*), «o disco solar de cada dia» (HSH, linha 33). Esta identificação é menos categórica no *Grande Hino*, onde ele é «senhor dos raios que faz a luz (...), ele estende sempre os braços àquele que ele ama (...), único, de braços numerosos» (GHAC, linhas 58; 60; 125), mas tão sugestiva como uma representação de Aton. O acróstico opta claramente por uma descrição astronómica simples e rigorosa: *ḥꜥi ḥr-tp t3 ḥꜥw.fItn*, «quando aparece sobre a terra, o seu corpo é o disco solar» (Acr. 10,22).

Na estela, o sol «deita-se no horizonte de Manu», no hino «ele passa a noite a vigiar a humanidade adormecida» (GHAC, linha 126) e é só aqui que encontramos uma profissão de fé em Amon, tão típica da piedade pessoal: escuta os aflitos, protege os humildes e o seu coração é benevolente

(GHAC, linhas 71-75). No acróstico ele «repousa» (Acr. 2,4). Simplesmente, sem efectuar nenhum trabalho e sem combater nenhuma força maligna.

Contrariamente a estes hinos e aos hinos atonianos, não se encontra claramente expressa no acróstico a antinomia entre a distância a que o Sol está da terra e o facto de a sua luz ser vista pelos olhos e o seu calor apercebido na pele. Apenas o carácter incognoscível e misterioso do disco solar, ou antes, do deus que nele habita (Acr. 12,24; H 16). A sua acção vivificadora e alimentadora é muito pouco desenvolvida. Diz-se que é uma fonte universal de vida (Acr. 10,20; L 24) e que fez o cereal (Acr. 8,17; I 17), enquanto o *Grande Hino* descreve extensivamente toda a criação amoniana: deuses, que saíram da sua boca (GHAC, linhas 16, 111), homens que nasceram dos seus olhos (GHAC, linhas 17, 112), plantas (GHAC, linha 113) e animais domésticos (GHAC, linha 113). Dá o sopro da vida «aos que estão no ovo» (GHAC, linha 118), mesmo aos mais irritantes animais como ratos, pulgas e vermes (GHAC, linhas 119-122).

Com base em tudo isto, o acróstico pode considerar-se um texto próximo da nova teologia solar, mas sem os desenvolvimentos para-científicos nem o rigor teológico que será apanágio de textos posteriores como os hinos atonianos ou os hinos ao deus Amon.

Notas

⁽¹⁾ Nomeadamente as inscrições do tecto do pórtico ocidental.

⁽²⁾ A leitura Nawy é perfeitamente legítima, embora o seu significado, «o das duas mãos», esteja longe de ser claro.

⁽³⁾ Veja-se, por exemplo, o túmulo do vizir Ramose (TT 55), também chamado Ramés.

⁽⁴⁾ Referência TT 57, em Sheikh Abd el-Gurnah. Ver Wentz (trad.), «The tomb of Kheruef», *Epigraphic Survey*, OIP 102, 1980.

⁽⁵⁾ Isto é, o celeiro do Alto e do Baixo Egipto.

⁽⁶⁾ De acordo com o título de uma obra célebre. Ver ASSMANN, *Egyptian Solar Religion in the New Kingdom. Re, Amun and the crisis of Polytheism*, 1994.

⁽⁷⁾ Amen-hotep III ficou para a posteridade como um grande construtor. Data do seu reinado o belo templo de Lucsor (Ipet-resit), entre outras obras.

⁽⁸⁾ ASSMANN, *op. cit.*, p. 158.

⁽⁹⁾ Tal como se comprova pelo nome teóforo de Amenemhat usado por sete reis, de um total de sessenta e sete, pertencentes às XII e XIII dinastias. Ver ARAÚJO, «Onomástica real», *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 642-649.

⁽¹⁰⁾ ASSMANN, *The Search for God in Ancient Egypt*, pp. 201-208.

(11) Durante o reinado de Akhenaton, o nome de Aton aparece sob duas formas distintas, a primeira das quais é: $\text{ḥ}^{\text{c}}\text{nḥ R}^{\text{c}}\text{-Ḥr-}^{\text{c}}\text{ḥty ḥ}^{\text{c}}\text{y m }^{\text{c}}\text{ḥt m rn.f(m) }^{\text{c}}\text{šw nty m }^{\text{c}}\text{Im}$, «Viva Ré-Horakhti, que rejubila no horizonte, no seu nome de a luz que está no disco solar, dotado de vida eternamente, para sempre». No ano 12, vai desenvolver-se uma segunda fórmula canónica: $\text{ḥ}^{\text{c}}\text{nḥ R}^{\text{c}}\text{ ḥk}^{\text{c}}\text{ m }^{\text{c}}\text{ḥty ḥ}^{\text{c}}\text{y m }^{\text{c}}\text{ḥt m rn.f m }^{\text{c}}\text{šw (nty) ii m }^{\text{c}}\text{Im}$, «Viva Ré, soberano dos dois horizontes, que rejubila no horizonte, no seu nome de luz que vem do disco solar».

(12) WENTE (trad.), «The tomb of Kheruef», *Epigraphic Survey*, OIP 102, Chicago: University of Chicago Press, 1980.

(13) Lit. «deus divino», o que se afigura redundante.

(14) No original apenas está . Poderá ser i in, «eu digo» ou a partícula in, «na verdade, realmente». A tratar-se da preposição in, «para, pertencente a, de», isto significa que o deus Amon é amado por alguém, Kheruef, por exemplo. Infelizmente, o texto não permite determinar de quem se trata.

(15) ind ḥr, «Avé, saudações a ti». Cf. em inglês: «hail to!».

(16) $\text{ḥ}^{\text{c}}\text{ḥt}$ «fronte, testa, semblante, a parte da frente». Note-se que o texto apresenta um plural, $\text{ḥ}^{\text{c}}\text{ḥwt}$, pelo que pode também dar a ideia de peitorais poderosos, musculados do deus. ou talvez dos seus olhos poderosos, Wente e Murnane não utilizam o plural, traduzindo como «mighty of countenance», «de semblante poderoso». Ver, respectivamente, WENTE, *op. cit.*, p. 35 e MURNANE, *Texts from the Amarna Period in Egypt*, p. 58.

(17) No original: . Considerou-se um erro por ḥt nbt . Esta tradução concorda com a de WENTE, *op. cit.*, p. 35.

(18) No original: . Usou-se a reconstrução de WENTE, *op. cit.*, p. 36, nota 3C.

(19) Os dois conchaves: alusão às assembleias dos deuses do Alto e do Baixo Egipto.

(20) Na verdade, a grafia correcta é $\text{w}^{\text{c}}\text{ḥ}^{\text{c}}\text{ḥ}$.

(21) No original: . A presente reconstrução parece apropriada num hino solar.

(22) Lit. «Boca perfeita». Amon dirige-se às assembleias dos deuses como um excelente orador.

(23) De rs, «vigilante, acordado».

(24) É uma leitura possível do signo U28. Talvez Amon seja o «senhor da prosperidade». Uma vez que se trata de um hino solar, nada obsta a que aqui estivesse o verbo $\text{d}^{\text{c}}\text{ḥi}$, «navegar», uma referência ao percurso do astro na sua barca. Esta hipótese é reforçada pela frase «como a luz».

(25) De acordo com o pensamento egípcio, o Sol punha-se na montanha ocidental de Tebas, denominada Manu. Ver FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 103.

(26) Optou-se pelo plural arcaico, de acordo com a reconstrução de WENTE, *op. cit.*, p. 36, nota 6A.

(27) Kamutef, «o touro de sua mãe», um título característico de Min, um deus, ligado à fertilidade e representado de forma ictifálica.

(28) O termo *akh* (plural de *akh*) não tem uma tradução exacta em português. O estado de *akh* atinge-se depois da morte e está destinado aos bem-aventurados.

(29) De acordo com a reconstrução de WENTE, *op. cit.*, p. 37, nota 6C.

(30) *Ibidem*, nota 7D.

(31) *Ibidem*, nota 7E.

(32) *Ibidem*, nota 7J.

- (33) *Ibidem*, nota 7K.
- (34) Título real de Amon.
- (35) A forma *itw* (pais) em plural arcaico.
- (36) Este plural só faz sentido se a frase puder referir-se aos dois tipos tradicionais de magia: a magia branca e a magia negra. Os Egípcios praticavam ambas.
- (37) A grafia correcta é *km3*, «atirar, produzir, criar».
- (38) A grafia correcta é .
- (39) BARGUET, *Le Livre des Morts des Anciens Egyptiens*, p. 182.
- (40) O chamado *Grande Hino a Amon, do Cairo*, ou «Papiro 17 do Museu de Bulak», é anterior ao reinado de Amen-hotep IV /Akhenaton. Ver, respectivamente, BARUCQ e DAUMAS, *Hymnes et Prières de l'Égypte Ancienne*, p. 190, e ARAÚJO, *op. cit.*, p. 61.
- (41) BARUCQ e DAUMAS, *op. cit.*, p. 182
- (42) Assim é dito sobre Ré-Atum-Horakhti no hino gravado na estela do príncipe Horemheb (final da XVIII dinastia). Ver BARUCQ e DAUMAS, *op. cit.*, p. 123.
- (43) *Ibidem*, p. 189. A frase completa é: «Khepri, de sublime nascimento, que eleva a sua beleza do seio de Nut».
- (44) É o caso de Amen-hotep II, em Shamash Edom, na campanha do ano 7 do seu reinado. Ver LALOUETTE, *Thèbes ou la naissance d'un empire*, p. 386.
- (45) Ver DAVIES, *The Rock Tombs of el-Amarna*, vols. I-VI, 2004.
- (46) Que para simplificar se designará daqui em diante simplesmente por Acr.
- (47) KITCHEN, *Poetry of Ancient Egypt*, pp. 241-248.
- (48) ASSMANN, *The Search for God in Ancient Egypt*, pp. 202-204.

Bibliografia

Fontes

- BARUCQ, André; DAUMAS, François, *Hymnes et Prières de l'Égypte Ancienne*, Paris: Les Éditions du Cerf, 1980.
- BARGUET, Paul, *Le Livre des Morts des Anciens Egyptiens*, Paris: Les Éditions du Cerf, 1998.
- KITCHEN, Kenneth, *Poetry of Ancient Egypt*, Jonsered: Paul Aströms Förlag, 1999.
- MURNANE, William, *Texts from the Amarna Period in Egypt*, Atlanta: Scholars Press, 1994.
- WENTE, Edward F. (trad.), «The tomb of Kheruef», *Epigraphic Survey*, OIP 102, Chicago: University of Chicago Press, 1980.

Dicionários e gramáticas

- ARAÚJO, Luís Manuel de (dir.), *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001.

- BONNAMY, Yvonne; SADEK, Ashraf, *Dictionnaire des Hiéroglyphes*, Arles: Actes Sud, 2010.
- FAULKNER, Raymond O., *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, Oxford: Griffith Institute, 1988.
- GARDINER, Sir Alan, *Egyptian Grammar*, 3rd ed., Oxford: Griffith Institute, 2001.

Bibliografia específica

- ARAÚJO, Luís Manuel de, *O Clero do Deus Amon no Antigo Egipto*, Lisboa: Edições Cosmos, 1999.
- ASSMANN, Jan, *State and Religion in the New Kingdom*, New Haven: Yale University, 1989.
- ASSMANN, Jan, «Akhanyati's Theology of Light and Time», *The Israel Academy of Sciences and Humanities Proceedings*, vol. VII, nº 4, 1992, pp. 143-176.
- ASSMANN, Jan, *Egyptian Solar Religion in the New Kingdom. Re, Amun and the crisis of Polytheism*, Londres: Kegan Paul International, 1994.
- ASSMANN, Jan, *The Search for God in Ancient Egypt*, Ithaca, Londres: Cornell University Press, 2001.
- ASSMANN, Jan, *Theological responses to Amarna*, Penn State University, 2001.
- ASSMANN, Jan, *The Mind of Egypt. History and Meaning in the Time of the Pharaohs*, Cambridge, Massachusetts, Londres: Harvard University Press, 2003.
- ASSMANN, Jan, *Death and Salvation in Ancient Egypt*, Ithaca, Londres: Cornell University Press, 2005.
- ASSMANN, Jan, «La naissance du monothéisme», *Le Monde des Religions*, Mars-Avril, 2008, pp. 40-41.
- CARREIRA, J. Nunes, *Mito, Mundo e Monoteísmo*, Mem Martins: Publ. Europa-América, 1994.
- CARREIRA, J. Nunes, *Literatura do Antigo Egipto*, Mem Martins: Publ. Europa-América, 2005.
- DAVIES, Norman de G., *The Tomb of the vizier Ramose*, Mond Excavations at Thebes 1, London: The Egypt Exploration Society, 1941.
- DAVIES, Norman de G., *The Rock Tombs of el-Amarna*, vols. I-VI, reprint, Londres: The Egypt Exploration Society, 2004.
- LALOUETTE, Claire, *Thèbes ou la naissance d'un empire*, Paris: Flammarion, 1995.
- QUIRKE, Stephen, *Le Culte de Rê*, Paris: Champollion, Éditions du Rocher, 2004.
- SALES, José das Candeias, *As Divindades Egípcias. Uma chave para a compreensão do Egipto antigo*, Lisboa: Editorial Estampa, 1999.